



AVISO IMPORTANTE:



Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- × Questões gabaritadas
- × Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da **APROVAÇÃO.**

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>



BIRIGUI-SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE BIRIGUI - SÃO PAULO

Professor I

**EDITAL Nº 143/2025, DE 20 DE AGOSTO DE 2025 -
EDITAL DE ABERTURA**

CÓD: SL-054ST-25
7908433282501

Língua Portuguesa

1. Compreensão e interpretação de textos..... 7

Conhecimentos Pedagógicos

1. AZENHA, Maria da Graça. Construtivismo: De Piaget a Emilia Ferreiro. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000 15
2. COLL, César. O construtivismo na sala de aula. São Paulo. Editora Ática, 1999 16
3. DIVERSOS AUTORES. Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais à doença de indivíduos. Conselho Regional de Psicologia, Grupo Interinstitucional Queixa Escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010 18
4. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999 20
5. FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler – em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez, 1991 – Coleção Polêmicas do nosso tempo – volume 4. 26ª Edição 20
6. GANDIN, Danilo. Planejamento como prática educativa. 19. ed. São Paulo: LOYOLA EDICOES, 2011..... 29
7. HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A Organização do Currículo por projetos de trabalho. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998 31
8. IMBERNÓN, Francisco. Formação Docente e Profissional – Formar-se para a mudança e a incerteza. 3ª Edição. São Paulo. Cortez, 2002 33
9. KOLL, Marta de Oliveira. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010 35
10. MANTOAN, Maria Tereza Egler. Pensando e Fazendo Educação de Qualidade. São Paulo: Moderna, 2001 37
11. MORAIS, Regis. Violência e Educação. Campinas: Papirus, 1995. Campinas: Papirus, 2000 39
12. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo, Cortez, 2002 41
13. PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000 42
14. RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. 20. ed., São Paulo: Cortez, 2011 42
15. SEBER, Maria da Glória. Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. São Paulo: Scipione, 1997 44
16. SCHLIEMANN, Ana Lúcia. Na vida dez, na escola zero. Cortez. 2010 46
17. SZYMANSKI, Heloísa. Encontros e Desencontros na relação família-escola. In; Idéias 28, p. 213 a 225. São Paulo: FDE, 1997 48
18. VEIGA, Ilma P.A. (org). O Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 2000 49

Conhecimentos Específicos Professor I

1. AQUINO, Julio Groppa. (Org.) Indisciplina da escola - alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996..... 57
2. BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. vol. 1 a 10. Brasília: MEC/SEF, 1998 59
3. BRANDÃO, C. F.; PASCHOAL, J.D. Ensino Fundamental de nove anos: teoria e prática na sala de aula. São Paulo: Avercamp, 2009 62
4. BOZZA, Sandra. Ensinar a Ler e Escrever: uma possibilidade de inclusão. 1ª edição. Pinhais: Melo, 2008 65
5. CARVALHO, M. Ensino Fundamental: práticas docentes nos anos iniciais. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 68
6. FERREIRA, Ándrea Tereza Brito; ROSA, Ester Calland de Sousa. O fazer cotidiano na sala de aula: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna. Belo Horizonte: Autêntica, 2012 70
7. FERREIRA, M. Ação Psicopedagógica na sala de aula: uma questão de inclusão. São PauloPaulus, 2001..... 72

ÍNDICE

8. FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 25. ed., São Paulo: Cortez, 2010	74
9. HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora. Porto Alegre: Editora Mediação, 1995. KAMII, Constance. A criança e o número. Campinas: Papirus, 1998	74
10. KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Elena. Escola: leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artmed, 1995	77
11. LANDSMANN, LILIANA TOLCHINSKY. APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA: PROCESSOS EVOLUTIVOS E IMPLICAÇÕES DIDÁTICAS. SÃO PAULO: ÁTICA 1995	78
12. LERNER, DELIA. LER E ESCREVER NA ESCOLA: O REAL, O POSSÍVEL E O NECESSÁRIO. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2002 e implicações didáticas. São Paulo: Ática, 1995	80
13. LERNER, DELIA; SADOVSKY, PATRÍCIA. O SISTEMA DE NUMERAÇÃO: UM PROBLEMA DIDÁTICO. IN: PARRA, CECÍLIA (ORG.). DIDÁTICA DA MATEMÁTICA: REFLEXÕES PSICOPEDAGÓGICAS. PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 1996. P. 73-155	82
14. MIZUKAMI, Maria da Graça N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986	84
15. PIRES, Célia Maria Carolino. Educação Matemática: conversas com professores dos anos iniciais. São Paulo: Zé-Zapt Editora, 2012	85
16. SILVA, J.F. HOFFMANN, J., ESTEBAN, M.T. Práticas Avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo. Porto Alegre: Mediação, 2010	86
17. SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998	86
18. SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2003	89
19. STAREPRAVO, Ana Ruth. Jogando com a matemática: números e operações. Curitiba: Aymarará 2009	90
20. VINHA. Telma Pileggi. O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras, 2003	93
21. WEISZ, Telma com SANCHEZ, Ana. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2ª Edição. São Paulo. Ática, 2006	95

LÍNGUA PORTUGUESA

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

DIFERENÇA ENTRE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

A compreensão e a interpretação de textos são habilidades interligadas, mas que apresentam diferenças claras e que devem ser reconhecidas para uma leitura eficaz, principalmente em contextos de provas e concursos públicos.

Compreensão refere-se à habilidade de entender o que o texto comunica de forma explícita. É a identificação do conteúdo que o autor apresenta de maneira direta, sem exigir do leitor um esforço de interpretação mais aprofundado. Ao compreender um texto, o leitor se concentra no significado das palavras, frases e parágrafos, buscando captar o sentido literal e objetivo daquilo que está sendo dito. Ou seja, a compreensão é o processo de absorver as informações que estão na superfície do texto, sem precisar buscar significados ocultos ou inferências.

► Exemplo de compreensão:

Se o texto afirma: “Jorge era infeliz quando fumava”, a compreensão dessa frase nos leva a concluir apenas o que está claramente dito: Jorge, em determinado período de sua vida em que fumava, era uma pessoa infeliz.

Por outro lado, a **interpretação** envolve a leitura das entrelinhas, a busca por sentidos implícitos e o esforço para compreender o que não está diretamente expresso no texto. Essa habilidade requer do leitor uma análise mais profunda, considerando fatores como contexto, intenções do autor, experiências pessoais e conhecimentos prévios. A interpretação é a construção de significados que vão além das palavras literais, e isso pode envolver deduzir informações não explícitas, perceber ironias, analogias ou entender o subtexto de uma mensagem.

► Exemplo de interpretação:

Voltando à frase “Jorge era infeliz quando fumava”, a interpretação permite deduzir que Jorge provavelmente parou de fumar e, com isso, encontrou a felicidade. Essa conclusão não está diretamente expressa, mas é sugerida pelo contexto e pelas implicações da frase.

Em resumo, a compreensão é o entendimento do que está no texto, enquanto a interpretação é a habilidade de extrair do texto o que ele não diz diretamente, mas sugere. Enquanto a compreensão requer uma leitura atenta e literal, a interpretação exige uma leitura crítica e analítica, na qual o leitor deve conectar ideias, fazer inferências e até questionar as intenções do autor.

Ter consciência dessas diferenças é fundamental para o sucesso em provas que avaliam a capacidade de lidar com textos, pois, muitas vezes, as questões irão exigir que o candidato saiba

identificar informações explícitas e, em outras ocasiões, que ele demonstre a capacidade de interpretar significados mais profundos e complexos.

TIPOS DE LINGUAGEM

Para uma interpretação de textos eficaz, é fundamental entender os diferentes tipos de linguagem que podem ser empregados em um texto. Conhecer essas formas de expressão ajuda a identificar nuances e significados, o que torna a leitura e a interpretação mais precisas. Há três principais tipos de linguagem que costumam ser abordados nos estudos de Língua Portuguesa: a linguagem verbal, a linguagem não-verbal e a linguagem mista (ou híbrida).

► Linguagem Verbal

A linguagem verbal é aquela que utiliza as palavras como principal meio de comunicação. Pode ser apresentada de forma escrita ou oral, e é a mais comum nas interações humanas. É por meio da linguagem verbal que expressamos ideias, emoções, pensamentos e informações.

Exemplos:

- Um texto de livro, um artigo de jornal ou uma conversa entre duas pessoas são exemplos de linguagem verbal.
- Quando um autor escreve um poema, um romance ou uma carta, ele está utilizando a linguagem verbal para transmitir sua mensagem.

Na interpretação de textos, a linguagem verbal é a que oferece o conteúdo explícito para compreensão e análise. Portanto, ao se deparar com um texto em uma prova, é a partir da linguagem verbal que se começa o processo de interpretação, analisando as palavras, as estruturas frasais e a coesão do discurso.

► Linguagem Não-Verbal

A linguagem não-verbal é aquela que se comunica sem o uso de palavras. Ela faz uso de elementos visuais, como imagens, cores, símbolos, gestos, expressões faciais e sinais, para transmitir mensagens e informações. Esse tipo de linguagem é extremamente importante em nosso cotidiano, já que muitas vezes as imagens ou os gestos conseguem expressar significados que palavras não conseguem capturar com a mesma eficiência.

Exemplos:

- Uma placa de trânsito que indica “pare” por meio de uma cor vermelha e um formato específico.
- As expressões faciais e gestos durante uma conversa ou em um filme.
- Uma pintura, um logotipo ou uma fotografia que transmitem sentimentos, ideias ou informações sem o uso de palavras.

No contexto de interpretação, a linguagem não-verbal exige do leitor uma capacidade de decodificar mensagens que não estão escritas. Por exemplo, em uma prova que apresenta uma charge ou uma propaganda, será necessário interpretar os elementos visuais para compreender a mensagem que o autor deseja transmitir.

► Linguagem Mista (ou Híbrida)

A linguagem mista é a combinação da linguagem verbal e da linguagem não-verbal, ou seja, utiliza tanto palavras quanto imagens para se comunicar. Esse tipo de linguagem é amplamente utilizado em nosso dia a dia, pois permite a transmissão de mensagens de forma mais completa, já que se vale das características de ambas as linguagens.

Exemplos:

- Histórias em quadrinhos, que utilizam desenhos (linguagem não-verbal) e balões de fala (linguagem verbal) para narrar a história.
- Cartazes publicitários que unem imagens e slogans para atrair a atenção e transmitir uma mensagem ao público.
- As apresentações de slides que combinam texto e imagens para tornar a explicação mais clara e interessante.

A linguagem mista exige do leitor uma capacidade de integrar informações provenientes de diferentes fontes para construir o sentido global da mensagem. Em uma prova, por exemplo, é comum encontrar questões que apresentam textos e imagens juntos, exigindo que o candidato compreenda a interação entre a linguagem verbal e não-verbal para interpretar corretamente o conteúdo.

► Importância da Compreensão dos Tipos de Linguagem

Entender os tipos de linguagem é crucial para uma interpretação de textos eficaz, pois permite que o leitor reconheça como as mensagens são construídas e transmitidas. Em textos que utilizam apenas a linguagem verbal, a atenção deve estar voltada para o que está sendo dito e como as ideias são organizadas. Já em textos que empregam a linguagem não-verbal ou mista, o leitor deve ser capaz de identificar e interpretar símbolos, imagens e outros elementos visuais, integrando-os ao conteúdo verbal para chegar a uma interpretação completa.

Desenvolver a habilidade de identificar e interpretar os diferentes tipos de linguagem contribui para uma leitura mais crítica e aprofundada, algo essencial em provas que avaliam a competência em Língua Portuguesa. Essa habilidade é um diferencial importante para a compreensão do que está explicitamente escrito e para a interpretação das nuances que a linguagem não-verbal ou mista pode adicionar ao texto.

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é um conceito fundamental para quem deseja compreender e interpretar textos de maneira aprofundada, especialmente em contextos de provas de concursos públicos. Trata-se do diálogo que um texto estabelece com outros textos, ou seja, a intertextualidade ocorre quando um texto faz referência, de maneira explícita ou implícita, a outro texto já existente. Esse fenômeno é comum na literatura, na publicidade, no jornalismo e em diversos outros tipos de comunicação.

► Definição de Intertextualidade

Intertextualidade é o processo pelo qual um texto se relaciona com outro, estabelecendo uma rede de significados que enriquece a interpretação. Ao fazer referência a outro texto, o autor cria um elo que pode servir para reforçar ideias, criticar, ironizar ou até prestar uma homenagem. Essa relação entre textos pode ocorrer de várias formas e em diferentes graus de intensidade, dependendo de como o autor escolhe incorporar ou dialogar com o texto de origem.

O conceito de intertextualidade sugere que nenhum texto é completamente original, pois todos se alimentam de outros textos e discursos que já existem, criando um jogo de influências, inspirações e referências. Portanto, a compreensão de um texto muitas vezes se amplia quando reconhecemos as conexões intertextuais que ele estabelece.

► Tipos de Intertextualidade

A intertextualidade pode ocorrer de diferentes formas. Aqui estão os principais tipos que você deve conhecer:

▪ **Citação:** É a forma mais explícita de intertextualidade. Ocorre quando um autor incorpora, de forma literal, uma passagem de outro texto em sua obra, geralmente colocando a citação entre aspas ou destacando-a de alguma maneira.

▪ **Exemplo:** Em um artigo científico, ao citar um trecho de uma obra de um pesquisador renomado, o autor está utilizando a intertextualidade por meio da citação.

▪ **Paráfrase:** Trata-se da reescritura de um texto ou trecho de forma diferente, utilizando outras palavras, mas mantendo o mesmo conteúdo ou ideia central do original. A paráfrase respeita o sentido do texto base, mas o reinterpreta de forma nova.

▪ **Exemplo:** Um estudante que lê um poema de Carlos Drummond de Andrade e reescreve os versos com suas próprias palavras está fazendo uma paráfrase do texto original.

▪ **Paródia:** Nesse tipo de intertextualidade, o autor faz uso de um texto conhecido para criar um novo texto, mas com o objetivo de provocar humor, crítica ou ironia. A paródia modifica o texto original, subvertendo seu sentido ou adaptando-o a uma nova realidade.

▪ **Exemplo:** Uma música popular que é reescrita com uma nova letra para criticar um evento político recente é um caso de paródia.

▪ **Alusão:** A alusão é uma referência indireta a outro texto ou obra. Não é citada diretamente, mas há indícios claros que levam o leitor a perceber a relação com o texto original.

▪ **Exemplo:** Ao dizer que “este é o doce momento da maçã”, um texto faz alusão à narrativa bíblica de Adão e Eva, sem mencionar explicitamente a história.

▪ **Pastiche:** É um tipo de intertextualidade que imita o estilo ou a forma de outro autor ou obra, mas sem a intenção crítica ou irônica que caracteriza a paródia. Pode ser uma homenagem ou uma maneira de incorporar elementos de uma obra anterior em um novo contexto.

▪ **Exemplo:** Um romance que adota o estilo narrativo de um clássico literário como “Dom Quixote” ou “A Divina Comédia” para contar uma história contemporânea.

AZENHA, MARIA DA GRAÇA. CONSTRUTIVISMO: DE PIAGET A EMILIA FERREIRO. 7 ED. SÃO PAULO: EDITORA ÁTICA, 2000

O livro “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro” (7ª edição, Editora Ática, 2000), de Maria da Graça Azenha, é uma obra fundamental para compreender os princípios e as aplicações do construtivismo no campo da educação. Voltado especialmente para professores, estudantes de pedagogia e profissionais da área, o texto oferece uma visão ampla sobre as ideias que revolucionaram a forma de pensar a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo infantil.

A autora apresenta uma análise profunda da transição e do diálogo entre dois grandes nomes da psicologia e da educação: Jean Piaget e Emilia Ferreiro. Ao longo do livro, Azenha expõe os conceitos centrais da teoria piagetiana sobre como se dá a construção do conhecimento, abordando temas como estágios de desenvolvimento, assimilação, acomodação e equilíbrio cognitivo. Em seguida, introduz as contribuições de Emilia Ferreiro, que trouxe novas perspectivas ao estudar como as crianças se apropriam da linguagem escrita.

A obra é importante porque aproxima teoria e prática: além de explicar as ideias fundamentais, Azenha demonstra como esses conceitos podem ser aplicados em sala de aula, ajudando o educador a repensar suas práticas e a desenvolver metodologias mais alinhadas ao ritmo de aprendizagem dos alunos.

Principais Temas e Abordagens da Obra

No livro “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro”, Maria da Graça Azenha organiza os conteúdos de forma didática, guiando o leitor pela evolução do pensamento construtivista e pela influência direta desses conceitos na prática pedagógica. A obra apresenta, essencialmente, três grandes eixos temáticos:

As Contribuições de Jean Piaget

Piaget é considerado um dos pioneiros na compreensão de como o conhecimento é construído. Azenha apresenta de forma clara os principais conceitos de sua teoria:

- Estágios do desenvolvimento cognitivo — sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.
- Assimilação e acomodação — processos complementares pelos quais a criança incorpora novas informações e ajusta seus esquemas mentais.
- Equilíbrio — o mecanismo que regula a aprendizagem, buscando equilíbrio entre novas experiências e estruturas cognitivas existentes.

Para Piaget, aprender é um processo ativo: a criança não absorve informações passivamente, mas constrói seu próprio conhecimento a partir da interação com o meio.

As Contribuições de Emilia Ferreiro

Baseando-se nos fundamentos piagetianos, Emilia Ferreiro trouxe uma revolução ao estudar a psicogênese da língua escrita. Azenha explica como Ferreiro demonstrou que:

- A criança não aprende a escrever por repetição mecânica, mas por hipóteses que formula sobre o funcionamento do sistema de escrita.
- O desenvolvimento da alfabetização ocorre em etapas: desde o período pré-silábico até a escrita alfabética consolidada.
- O erro não deve ser visto como falha, mas como parte essencial do processo de construção do conhecimento.

Essa abordagem transformou profundamente o modo como os professores trabalham com alfabetização e letramento.

Implicações para a Prática Educacional

Um dos pontos mais relevantes da obra é mostrar como aplicar o construtivismo na sala de aula. Azenha ressalta:

- A importância de respeitar o ritmo individual de cada aluno.
- A necessidade de atividades desafiadoras, que provoquem a reflexão e a construção ativa do conhecimento.
- O papel do educador como mediador: mais do que transmitir informações, deve criar condições para que os alunos descubram, experimentem e testem suas hipóteses.

Estrutura, Estilo e Abordagem da Obra

A obra “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro” não é apenas uma introdução às teorias de dois grandes pensadores; ela é uma ponte entre o conhecimento teórico e a prática educacional.

Maria da Graça Azenha constrói um texto acessível, mas profundamente embasado, que permite ao leitor compreender não só os conceitos fundamentais, mas também como esses conceitos se aplicam à realidade da sala de aula.

Estrutura do Livro

O livro é organizado de forma progressiva e coerente, permitindo que o leitor acompanhe, passo a passo, a evolução do pensamento construtivista:

- **Capítulos iniciais:** A autora introduz o contexto histórico do construtivismo e apresenta os princípios básicos da teoria de Jean Piaget, destacando conceitos como assimilação, acomodação, equilíbrio e os estágios do desenvolvimento cognitivo.
- **Parte intermediária:** Azenha explora as contribuições de Emilia Ferreiro e sua pesquisa inovadora sobre a psicogênese da língua escrita, trazendo exemplos práticos de como as crianças constroem hipóteses sobre a leitura e a escrita.
- **Capítulos finais:** A autora foca nas implicações pedagógicas dessas teorias, propondo reflexões e sugerindo caminhos para transformar práticas educacionais de forma mais significativa e efetiva.

Essa estrutura bem definida é um dos pontos fortes da obra, pois torna o conteúdo organizado, didático e acessível.

Estilo da Autora

O estilo de Maria da Graça Azenha é um grande diferencial. Ela escreve de forma clara, evitando termos excessivamente técnicos, mas sem simplificar demais as teorias. Seu objetivo é aproximar o leitor do pensamento de Piaget e Ferreiro sem perder a profundidade necessária.

Algumas características do estilo da autora:

- **Didatismo:** O texto é pensado para professores e estudantes, com linguagem direta e exemplos contextualizados.
- **Integração teoria-prática:** A autora evita que o construtivismo fique restrito a conceitos abstratos, sempre conectando teoria com a realidade do ensino.
- **Neutralidade crítica:** Embora valorize as contribuições de Piaget e Ferreiro, Azenha também propõe reflexões sobre limitações e desafios dessas abordagens, incentivando o leitor a pensar de forma crítica.

Piaget e Ferreiro: Os Personagens Centrais

Embora não sejam “personagens” no sentido tradicional, as ideias de Jean Piaget e Emilia Ferreiro são o fio condutor da narrativa da obra. Azenha reconstrói o pensamento desses teóricos de forma detalhada e contextualizada:

• Jean Piaget:

Suíço, biólogo e psicólogo, Piaget é apresentado como o grande pioneiro do construtivismo. A autora aprofunda conceitos como o papel ativo do aluno, os estágios de desenvolvimento e a importância da interação com o meio para a construção do conhecimento.

Além disso, Azenha demonstra como suas ideias formaram a base para inúmeras práticas pedagógicas contemporâneas.

• Emilia Ferreiro:

Psicóloga e pesquisadora argentina, Ferreiro surge como uma das principais responsáveis por aplicar os princípios do construtivismo à alfabetização. A autora detalha como Ferreiro, ao investigar o processo de aquisição da escrita, derrubou antigos paradigmas, mostrando que a criança constrói hipóteses sobre o sistema de escrita e passa por etapas próprias de desenvolvimento.

Essa abordagem revolucionou a forma como a alfabetização é tratada nas escolas, influenciando profundamente currículos e metodologias.

A Relação Entre Teoria e Prática

Um dos grandes méritos do livro é demonstrar que compreender o construtivismo vai além de conhecer conceitos — trata-se de aplicar esses princípios no dia a dia escolar.

Azenha mostra como o educador pode:

- Elaborar atividades que estimulem a autonomia dos estudantes.
- Reconhecer o erro como parte do processo de aprendizagem, e não como um fracasso.
- Respeitar os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem.
- Criar um ambiente em que o aluno seja protagonista na construção do conhecimento.

Essa relação direta entre teoria e prática torna o livro uma ferramenta poderosa para quem deseja transformar a sala de aula em um espaço mais dinâmico, investigativo e participativo.

Importância da Obra

Ao longo da obra, fica claro que “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro” não se limita a apresentar teorias — ele oferece instrumentos para repensar a educação.

Azenha auxilia professores e estudantes a:

- Compreender o processo de aprendizagem em sua complexidade.
- Desconstruir práticas tradicionais que limitam o desenvolvimento dos alunos.
- Criar propostas pedagógicas mais criativas, investigativas e efetivas.

Em um cenário educacional que exige metodologias inovadoras, o livro se mantém atual e relevante, mesmo após mais de duas décadas de sua publicação.

COLL, CÉSAR. O CONSTRUTIVISMO NA SALA DE AULA. SÃO PAULO. EDITORA ÁTICA, 1999

O livro “O Construtivismo na Sala de Aula” (1999), escrito por César Coll e publicado pela Editora Ática, é uma referência fundamental para todos os profissionais da educação e estudantes que desejam compreender de forma mais profunda como o construtivismo pode ser aplicado no ambiente escolar. Diferente de obras que tratam o tema de forma exclusivamente teórica, Coll propõe um diálogo direto com a prática pedagógica, apresentando conceitos essenciais e discutindo como eles se relacionam com os desafios reais da sala de aula. Ao longo do texto, o autor explora as contribuições de grandes nomes que fundamentaram o pensamento construtivista, como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Emilia Ferreiro, articulando suas ideias para oferecer ao leitor uma compreensão ampla sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. A partir dessa base teórica sólida, Coll apresenta uma proposta inovadora de ensino, defendendo que o conhecimento não é simplesmente transmitido pelo professor, mas construído ativamente pelos alunos, a partir de suas interações com o meio, com os colegas e com o próprio educador.

O grande diferencial da obra está na maneira como Coll consegue aproximar teoria e prática, permitindo que o leitor compreenda os fundamentos do construtivismo sem que o conteúdo se torne distante da realidade escolar. O autor questiona modelos tradicionais de ensino, que colocam o aluno como receptor passivo de informações, e propõe uma mudança de perspectiva: para ele, o estudante é um protagonista no processo de aprendizagem, capaz de formular hipóteses, testar ideias e construir significados próprios. O professor, nesse contexto, deixa de ser apenas um transmissor de conhecimento e passa a atuar como mediador, criando situações de aprendizagem que favorecem o desenvolvimento da autonomia, da reflexão crítica e da capacidade de resolver problemas. Ao mesmo tempo, Coll reconhece que a adoção do construtivismo envolve desafios, principalmente porque exige repensar metodologias, reorganizar conteúdos e criar ambientes de ensino mais participativos e colaborativos.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor I

AQUINO, JULIO GROPPA. (ORG.) **INDISCIPLINA NA ESCOLA - ALTERNATIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS**. SÃO PAULO: SUMMUS, 1996

Publicado em 1996 pela Summus Editorial, o livro “**Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas**” surge em um momento de intensos debates sobre os desafios da **educação brasileira** e, particularmente, sobre os problemas relacionados à **convivência no ambiente escolar**. O final da década de 1990 representava um período de transformações significativas para o sistema educacional no Brasil, marcado pela implementação de novas políticas públicas, revisão de propostas pedagógicas e discussões acerca do papel social da escola em um contexto de mudanças sociais, culturais e econômicas. A questão da **indisciplina escolar**, então, ganhava destaque, não apenas por afetar o rendimento acadêmico, mas também por se configurar como um problema coletivo que envolvia relações entre **alunos, professores, famílias e instituições**.

O organizador, **Júlio Groppa Aquino**, é um dos nomes mais relevantes no campo da **Psicologia da Educação** e da **Didática** no Brasil. Doutor em Psicologia Escolar e professor da Universidade de São Paulo (USP), Aquino construiu uma carreira acadêmica voltada à compreensão das relações interpessoais dentro do espaço escolar, com destaque para os fenômenos ligados à **disciplina, poder, autoridade e subjetividade**. Sua produção se caracteriza por uma abordagem crítica e reflexiva, que convida educadores e gestores a repensarem os modelos tradicionais de controle e punição no ambiente escolar. Além disso, Aquino defende que a indisciplina não pode ser tratada apenas como um problema individual, restrito ao comportamento de determinados alunos; trata-se, na verdade, de um fenômeno **complexo e multifatorial**, relacionado às dinâmicas de poder, à organização da escola, à relação com o conhecimento e ao contexto sociocultural mais amplo.

A relevância do livro também se explica por seu caráter **coletivo**. Embora organizado por Aquino, a obra reúne contribuições de diferentes autores e pesquisadores da educação, cada um trazendo **perspectivas teóricas e propostas práticas** para lidar com a indisciplina. Essa multiplicidade de olhares oferece ao leitor um panorama abrangente, permitindo que professores e gestores entendam que não existe uma solução única para os conflitos escolares, mas sim **estratégias diversificadas** que devem ser pensadas de acordo com a realidade de cada instituição. Ao propor uma análise que integra elementos da **Psicologia**, da **Sociologia**, da **Pedagogia** e até mesmo da

Filosofia, o livro oferece uma base sólida para compreender os **desafios do cotidiano escolar** e aponta caminhos possíveis para a construção de ambientes de aprendizagem mais equilibrados e democráticos.

Apresentação da Obra

A obra “**Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas**” é um estudo profundo e abrangente sobre um dos temas mais desafiadores do ambiente educacional: a convivência entre os diferentes atores que compõem a escola e os conflitos que emergem dessa relação. Organizada por **Júlio Groppa Aquino**, a coletânea reúne textos de diversos pesquisadores que discutem a indisciplina sob múltiplos olhares, considerando fatores **psicológicos, sociais, pedagógicos e institucionais**. Mais do que propor soluções simplistas, o livro convida educadores, gestores e pesquisadores a refletirem sobre **as causas estruturais e subjetivas** que levam aos comportamentos considerados inadequados no contexto escolar. A partir dessa perspectiva, o fenômeno da indisciplina deixa de ser visto como um problema individual — relacionado apenas ao aluno — e passa a ser compreendido como **uma manifestação complexa**, resultado de tensões históricas, culturais e organizacionais presentes na escola contemporânea.

Um dos pontos centrais do livro é a crítica aos modelos tradicionais de **controle disciplinar**. Os autores defendem que tratar a indisciplina exclusivamente com medidas punitivas ou autoritárias não apenas falha em resolver os conflitos, mas pode aprofundá-los, criando barreiras na relação entre professores e alunos. Nesse sentido, a obra propõe uma mudança de paradigma: ao invés de entender a disciplina como um mecanismo de **imposição de regras e contenção de comportamentos**, sugere-se que ela seja compreendida como **uma construção coletiva**, na qual todos os envolvidos — professores, estudantes, gestores e famílias — participam ativamente. Essa abordagem reforça a necessidade de transformar a escola em um espaço de **diálogo, cooperação e corresponsabilidade**, favorecendo um ambiente que respeite as singularidades dos sujeitos e promova a **participação ativa dos alunos** na definição de normas e valores compartilhados.

A organização da obra privilegia uma estrutura que conecta **fundamentos teóricos sólidos** com **propostas práticas aplicáveis** ao cotidiano escolar. Os capítulos abordam desde os aspectos **históricos da disciplina** na educação até discussões sobre **subjetividade, autoridade e autonomia**, dialogando com diferentes campos do conhecimento. Ao longo dos textos, são exploradas teorias de autores clássicos e contemporâneos, como **Michel Foucault**, com sua análise sobre poder e controle

social, **Paulo Freire**, com a defesa de uma educação libertadora e dialógica, e **Lev Vygotsky**, com suas contribuições sobre desenvolvimento humano e interação social. Essa articulação entre teoria e prática permite que o leitor compreenda a indisciplina não apenas como um “problema” a ser solucionado, mas como um **sintoma** de questões mais amplas relacionadas à organização escolar, ao papel do professor e às expectativas sociais sobre a educação.

Outro aspecto relevante do livro é o destaque dado à importância do **professor como mediador de conflitos**. A obra propõe que o educador assuma uma postura **investigativa e reflexiva** diante das situações de indisciplina, buscando compreender o contexto e os significados por trás dos comportamentos dos alunos. Ao invés de rotular ou punir, o professor é convidado a se colocar como **agente ativo na construção de soluções**, promovendo estratégias pedagógicas que envolvam **empatia, escuta e diálogo**. Além disso, o livro apresenta práticas que incentivam a participação coletiva na formulação de regras e acordos, reconhecendo que o **pertencimento e a corresponsabilidade** são elementos fundamentais para a criação de um ambiente escolar saudável e colaborativo.

“Indisciplina na Escola” também dialoga com as mudanças sociais que impactam diretamente a educação. Ao analisar os desafios impostos pela diversidade cultural, pelas desigualdades sociais, pela expansão do acesso à escola e pelo avanço das tecnologias, a obra mostra que as manifestações de indisciplina estão inseridas em um contexto mais amplo, refletindo **tensões sociais, econômicas e culturais** que ultrapassam os limites da sala de aula. Ao propor alternativas teóricas e práticas, o livro oferece não apenas ferramentas para lidar com os conflitos cotidianos, mas também um convite para **repensar a função social da escola** e o papel da educação na formação de sujeitos críticos, autônomos e participativos.

Importância e Análise Crítica da Obra

O livro “Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas” é considerado um marco nos estudos sobre convivência escolar e gestão de conflitos no Brasil. Sua relevância está na capacidade de problematizar um tema que, durante muito tempo, foi tratado de forma simplista e reducionista. Antes da publicação da obra, a indisciplina era frequentemente interpretada apenas como resultado de **falhas individuais dos alunos** ou como **ausência de autoridade por parte dos professores**. Aquino e os demais autores reunidos na coletânea desafiam essa visão limitada, defendendo que a indisciplina deve ser entendida como um **fenômeno social, histórico e relacional**, profundamente influenciado por fatores institucionais, culturais e econômicos. Ao deslocar o olhar do indivíduo para o **sistema escolar como um todo**, o livro contribui para ampliar o debate, permitindo que educadores e gestores compreendam que os problemas de convivência não podem ser resolvidos apenas com **medidas punitivas** ou **regras rígidas**, mas exigem **estratégias pedagógicas mais humanizadas, dialógicas e participativas**.

Um dos principais avanços propostos pelo livro é o convite à **ressignificação do papel do professor**. Em vez de assumir uma posição de controle absoluto, pautada em ordens e sanções, o docente é chamado a se tornar **mediador do processo educativo** e **gestor das relações interpessoais**. Isso não significa abrir mão da autoridade, mas reconstruí-la sob uma perspectiva

mais **democrática e compartilhada**. Aquino defende que a verdadeira autoridade do professor se constrói a partir da **coerência entre discurso e prática**, da **capacidade de escuta** e do **respeito à diversidade de experiências dos alunos**. Ao adotar uma postura mais reflexiva, o professor passa a compreender que a indisciplina pode revelar não apenas problemas de comportamento, mas também **conflitos de valores, dificuldades emocionais, defasagens pedagógicas e tensões sociais** que atravessam a vida escolar. Essa mudança de perspectiva contribui para transformar a sala de aula em um espaço mais inclusivo, no qual os estudantes se sentem **reconhecidos, respeitados e corresponsáveis** pela construção das normas coletivas.

A obra também estabelece um diálogo profundo com diferentes correntes teóricas que enriquecem sua análise. Por exemplo, a influência de **Michel Foucault** é evidente na problematização dos **mecanismos de controle** e das **estruturas de poder** presentes na escola, mostrando como as instituições educativas historicamente foram moldadas para **disciplinar corpos e mentes**. Ao mesmo tempo, as ideias de **Paulo Freire** aparecem de forma recorrente, sobretudo na defesa de uma educação **dialógica, emancipatória e transformadora**, em que o professor e o aluno constroem conhecimento de maneira conjunta. Além disso, conceitos de **Lev Vygotsky** ajudam a compreender que o comportamento dos estudantes está profundamente vinculado aos **contextos sociais** e que o aprendizado ocorre por meio da **interação** e da **mediação simbólica**. Essa articulação entre diferentes referências teóricas não apenas amplia o alcance da obra, mas também fornece ferramentas práticas para que educadores possam **repensar suas concepções de disciplina** e criar **estratégias mais eficazes de gestão de conflitos**.

Outro ponto essencial da análise crítica é a capacidade do livro de relacionar os desafios da indisciplina com as **transformações da sociedade contemporânea**. A década de 1990 no Brasil foi marcada por mudanças significativas na dinâmica social: democratização política recente, aumento do acesso à educação, pluralidade cultural e crescimento das desigualdades sociais. Esses fatores impactaram diretamente a escola, que passou a receber um público cada vez mais heterogêneo, com **interesses, linguagens e realidades distintas**. Nesse contexto, a indisciplina não pode ser entendida apenas como “resistência à autoridade”, mas como **expressão de novas demandas sociais** que exigem da escola **adaptações estruturais e metodologias inovadoras**. Ao discutir essas questões, a obra antecipa debates que continuam atuais, como a inclusão de diferentes culturas no ambiente escolar, o enfrentamento de desigualdades e a necessidade de criar **ambientes mais participativos e democráticos**.

A importância do livro também se revela no impacto que teve sobre **políticas educacionais e práticas pedagógicas** ao longo das últimas décadas. A perspectiva apresentada por Aquino influenciou debates sobre **gestão escolar participativa**, **resolução de conflitos** e **projetos pedagógicos voltados para a convivência saudável**, inspirando professores, pesquisadores e gestores a desenvolverem abordagens mais humanas e integradoras. Ao propor que a indisciplina seja tratada como **sintoma de algo maior** — e não como um simples desvio de conduta —, a obra convida educadores a assumirem uma postura **crítica, investigativa e propositiva** diante dos problemas cotidianos da escola. Essa abordagem continua extremamente atual e necessária, especialmente em tempos de mudanças